

Desta vez é diferente... há luz ao fundo do túnel

A terceira vaga da pandemia mundial tem sido particularmente dura em Portugal, com um custo elevado em termos de saúde pública, letalidade e pressão hospitalar. E não se podem excluir que novas vagas se formem até ao verão, dado o grau de contágio das novas variantes do vírus. Todavia, estamos numa situação bem diferente de há um ano atrás. Desta vez, há «luz ao fundo do túnel»: em primeiro lugar, a perspetiva de vacinação e alcance possível de imunidade de grupo num horizonte não muito distante; em segundo lugar, os apoios públicos estão já definidos e são possíveis de serem afinados e até alargados; finalmente, muitas empresas e setores adaptaram-se ao «novo normal», reforçando a presença *online*, entre outras alterações.

Os indicadores de mobilidade confirmam o efeito das medidas de maior restrição, em vigor desde meados de janeiro – encerramento da restauração, espaços comerciais e, posteriormente, escolas e fronteiras. São medidas que têm impacto na atividade económica, mas são essenciais para a reversão da curva de contágios, como tem vindo a ocorrer. Outros indicadores confirmam o impacto na atividade económica, designadamente o indicador diário do Banco de Portugal DEI (agrega várias variáveis diárias, como o tráfego rodoviário, consumo de eletricidade, utilização de cartões de pagamento, etc), que, em janeiro, apontou para uma quebra da atividade de 3,3% em termos homólogos. Embora nos períodos de maiores restrições a evolução possa agravar – na primeira semana de fevereiro, os dados disponíveis apontam para redução de cerca de 4,5% - acreditamos que o alívio de restrições conduzirá possivelmente a que, no conjunto do trimestre, a queda de atividade em termos homólogos não se afaste muito dos 3% a 5%.

Acresce os progressos na vacinação, pois o seu avanço progressivo permitirá criar imunidade de grupo num futuro não muito distante. Existe enorme pressão para todos os estados avançarem com este processo e, depois de uma fase inicial de acerto, esperamos que os avanços sejam rápidos, em linha com o programa. Refira-se que, em início de fevereiro, cerca de 3% da população portuguesa já estava vacinada, sendo objetivo comum a todos os estados membros da União Europeia que 70% da população adulta esteja vacinada até final do verão. Com o avanço deste processo, à medida que maior imunidade se gere, a atividade económica poderá regressar mais rapidamente ao «normal», reduzindo-se progressivamente as restrições à mobilidade.

E, num contexto de regresso a uma nova normalidade, é determinante que a capacidade de produção, não só de bens como de serviços, esteja pronta e capaz de dar resposta. Não sabemos como vai ser o verão de 2021. Mas temos que garantir que estamos preparados para dar resposta caso a procura de serviços turísticos aumente face a 2020, como se espera. Recordamos que este é um setor chave da atividade económica, cujo consumo equivale a cerca de 15% do PIB e que na época pré-Covid representava quase 10% do emprego direto. Em 2020, as receitas de turismo caíram mais de 60% face ao ano anterior, recuando quase 3 décadas. Vamos preparar a época de 2021 com vista a que seja melhor.

Para que corra bem e que a capacidade produtiva não seja destruída, os apoios públicos terão de ser particularmente eficazes. Várias medidas têm sido anunciadas e vários programas reforçados – regresso do *layoff* simplificado, reforço das linhas de crédito, flexibilização de acessos a subvenções para micro e pequenas empresas, etc – mas mais e melhor terá sempre de ser o objetivo por forma a evitar, por um lado, a destruição de capacidade produtiva e, por outro, o alargamento do fosso de desigualdades. E neste capítulo é bem-vindo o espaço adicional providenciado pela execução orçamental de 2020, pois o défice terá ficado abaixo do inicialmente previsto, garantindo espaço de manobra para a resposta de políticas públicas, que terá de manter-se muito firme e determinada em 2021. Também nesta vertente se pode afirmar que «desta vez é diferente», pois há uma enorme disponibilidade para entajuda e suporte a nível comunitário. Este espaço de manobra tem que ser aproveitado agora, para que no futuro possamos garantir uma economia suficientemente dinâmica que nos permita, nessa altura, esboroar a dívida que, entretanto, se acumular.

E, por tudo isto, por acreditarmos que a época de turismo de 2021 não será perdida, que os apoios serão eficazes e que o ritmo de vacinação irá acelerar, que mantemos a nossa previsão de crescimento da atividade este ano em 4,9%. Claro que nada está garantido, pelo que hesitação em algum destes fatores implicará sempre uma reapreciação possível, pois os riscos permanecem significativos.

Paula Carvalho

Lisboa, 10 de fevereiro de 2021